

## **A PRODUÇÃO TEXTUAL NO CURSO DE ENGENHARIA ELÉTRICA: desafios e possibilidades na UFOB Bom Jesus da Lapa**

### **THE TEXTUAL PRODUCTION IN THE ELECTRICAL ENGINEERING COURSE: challenges and possibilities at UFOB Bom Jesus da Lapa**

Elisabete Tâmara Galvão dos Santos<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

A relação existente entre o texto e os aspectos extralinguísticos é permeada por seis fatores: o quadro espaço-temporal, aspectos sociais, históricos, os participantes da situação comunicativa, tipos de atividades realizadas e seu capital cultural. O objetivo deste trabalho é apresentar as possibilidades de trabalho com Produção Textual em contexto de curso de graduação em Engenharia Elétrica, experienciado na Universidade Federal do Oeste da Bahia, Centro Multidisciplinar de Bom Jesus da Lapa. Como proposta de trabalho, foram estabelecidos critérios os quais direcionavam as leituras e produções textuais para conteúdos relacionados ao curso de graduação em questão. Desse modo, gêneros textuais como reportagens, artigos, resenhas, projetos de pesquisa e demais serviram de ferramenta didática para compreensão textual, ao passo que também ampliavam e situavam os alunos no universo acadêmico deles. A literatura que amparou este trabalho versa, principalmente, sobre a linguística textual como também sobre a articulação entre as ciências, além do Projeto Pedagógico do curso e o plano de ensino do componente curricular Oficina de Leitura e Produção Textual, o qual se destina ao trabalho de linguística textual no curso de graduação mencionado. Nesse sentido, os procedimentos metodológicos seguiram orientações de autores consagrados como, Resende e Vieira (2014) e Elias e Koch (2015). A partir das orientações descritas na literatura utilizada, foi possível despertar o interesse do alunado pela leitura, mesmo porque os discentes eram estimulados a ler informações relacionadas a seu curso de graduação e, conseqüentemente, ampliavam seu horizonte de conhecimentos e métodos de escrita.

**Palavras-chave:** Produção Textual. Linguística Textual. Engenharia Elétrica. Leitura.

#### **ABSTRACT**

The relationship between the text and the extralinguistic aspects is permeated by six factors: the space-time framework, social and historical aspects, the participants in the communicative situation, types of activities carried out and their cultural capital. The objective of this work is to present the possibilities of working with Textual Production in the context of an undergraduate course in Electrical Engineering, experienced at the Federal University of Western Bahia, Multidisciplinary Center of Bom Jesus da Lapa. As a work proposal, criteria were established which directed the readings and textual productions to contents related to the undergraduate course in question. In this way, textual genres such as reports, articles, reviews, research projects and others served as a didactic tool for textual understanding, while also expanding and situating students in their academic universe. The literature that supported this work is mainly about textual linguistics as well as the articulation between sciences, in addition to the Pedagogical Project of the course and the teaching plan of the curricular component Workshop on Reading and Textual Production, which is intended for the work of textual linguistics in the mentioned undergraduate course. In this sense, the methodological procedures

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: elitagal@outlook.com

followed the guidelines of renowned authors such as Resende and Vieira (2014) and Elias and Koch (2015). From the guidelines described in the literature used, it was possible to awaken the student's interest in reading, even because the students were encouraged to read information related to their undergraduate course, and consequently, they expanded their horizon of knowledge and writing methods.

**Keywords:** Text production. Textual Linguistics. Electrical engineering. Reading.

## **1 O TEXTO E SUA ELABORAÇÃO**

No intuito de compreender os aspectos relacionados ao fenômeno da Produção Textual, cabe previamente entender o que caracteriza o texto escrito, a partir de uma concepção que o define como unidade linguística comunicativa básica, resultante de um jogo de atuação no qual tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como autores/construtores sociais ativos, que operam como construtores e são construídos no texto. Isto é, o texto é a síntese dos elementos relacionados às intenções do produtor; obediência às normas técnicas para adequação das produções; ao jogo de imagens mentais que cada um dos interlocutores faz de si, do outro e do outro com relação a si mesmo e ao tema do discurso, espaço de perceptibilidade visual e acústica comum no processo comunicativo. Todos esses elementos atuarão como fatores pragmáticos contribuintes para a construção do sentido do texto e possibilitarão que este seja reconhecido como ferramenta eficaz para transmissão de ideias e conhecimentos, como descreve Val (1999, p. 3-4). À luz da perspectiva interacional, a Produção Textual, cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de estratégias estabelecidas de forma não linear, não utiliza a escrita de modo simplista, somente compreendida do ponto de vista normativo pela apropriação das regras da língua. A partir de um “pensar” no que vai escrever e no seu leitor, o texto consegue promover, principalmente, a ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa, bem como a seleção, organização e desenvolvimento de ideias com o objetivo de garantir a continuidade do tema e sua progressão.

Assim, como descreve Elias e Koch (2011, p. 34), o texto é um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais os quais possibilitam o aparecimento de uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem como pano de fundo o contexto sociocognitivo, ou seja, quando a escrita ultrapassa o entorno verbal – suas combinações e sequências frasais – e alcança todos os conhecimentos arquivados na memória dos sujeitos sociais.

A relação existente entre o texto e os aspectos extralinguísticos é permeada por seis fatores: o quadro espaço-temporal, aspectos sociais, históricos, os participantes da situação comunicativa, tipos de atividades realizadas e seu capital cultural. Todos estes fatores se justificam pelo fato de que os sujeitos sociais se movem no interior de um tabuleiro social que tem suas convenções, normas de conduta, condições e deveres que limitam sua liberdade, inclusive, linguisticamente. Portanto, ao passo que toda e qualquer manifestação de linguagem ocorre no interior de determinada cultura, cujas tradições, usos, costumes e rotinas são, quase sempre, obedecidas e perpetuadas; a coerência utiliza tais fatores extralinguísticos e pragmáticos na construção dos sentidos textuais, com base no princípio da interoperabilidade, conforme avalia Cavalcante (2017, p. 32). Assim, para tornar-se coerente, um texto precisa indicar ao seu receptor a continuidade da sua proposta inicial, isto é, o receptor deve ser levado a compreender ou supor, através do seu capital intelectual, motivações preliminares para àquela produção, sua situação de comunicação, objetivos, destinatário, regras socioculturais, uso dos recursos linguísticos ou outros elementos da situação. Desse modo, Val (1999, p. 6) concorda que a coerência do texto deriva de sua lógica interna, resultante dos significados que sua rede de conceitos e relações põe em jogo, mas também da compatibilidade entre essa rede conceitual, inscrita no mundo textual, e o conhecimento de mundo de quem processa o discurso.

A coerência é apresentada por estudiosos da área como um dos sete fatores da textualidade. Ao lado da coerência está a coesão. Ambas se relacionam com o material conceitual e linguístico do texto. A textualidade é entendida como o conjunto de características que fazem com que um texto seja texto. Os outros cinco fatores da textualidade são a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade. Em ambiente acadêmico, como foi experienciado na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), durante aulas do componente curricular Oficina de Leitura e Produção Textual para alunos do curso de Engenharia Elétrica, do Centro Multidisciplinar de Bom Jesus da Lapa, no estado da Bahia, o desafio proposto inicialmente foi desmistificar as regras gramaticais, pois, conforme afirmam Resende e Vieira (2014, p. 18), a supervalorização das “regras gramaticais” tem uma relação muito próxima com processos sociais relacionados ao preconceito linguístico. Por esse motivo, há valorização de variantes linguísticas em detrimento da estigmatização de outras. Mostramos que a linguagem, sob o viés da função comunicativa, é muito mais ampla que a língua. Dessa forma, foi possível desconstruir o que as escolas persistem em fazer com o ensino da Língua Portuguesa: reduzi-lo à memorização de regras e modelos linguísticos preconcebidos, que muito pouco contribuem à eficiência comunicativa. Trabalhar com a multifuncionalidade da linguagem possibilita que os alunos a entendam como ferramenta,

canal, instrumento presente em todos os espaços sociais, inclusive nos demais componentes curriculares do seu curso de graduação, nos quais a linguagem se transfigura pelo uso de novos códigos e pode assumir nova roupagem, mas que não abstrai sua função comunicativa.

Por natureza, a linguagem é funcionalmente complexa e socialmente política. Desse modo, como apresenta Gnerre (1991, p. 5), ela não é usada somente para veicular informações, ou seja, a função denotativa da linguagem é uma dentre tantas funções pertinentes a ela, mas figura como função primordial na arena de contradições em que se confrontam os valores e funcionalidades relativas ao uso das ferramentas comunicacionais. Curiosamente, a linguagem tem o poder de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive. Portanto, em ambiente acadêmico, todas as normas estabelecidas para elaboração de Produções Textuais pressupõem um *status quo* pertencente aos sujeitos que produzem determinados textos, também para aqueles que solicitam e avaliam tais produções. Dentro desse universo lógico e contraditório do qual emerge a linguagem, Resende e Vieira (2014, p. 18) afirmam que, quando elaboramos Produções Textuais, simultaneamente comunicamos, estabelecemos relações sociais, nos identificamos, identificamos nossos interlocutores, representamos o mundo e nossas experiências enquanto habitantes deste.

Elias e Koch (2011, p. 44) acreditam que a escrita evidencia intenções, possibilitando ao leitor reconhecer o objetivo ou o propósito pretendido no quadro interacional desenhado. Do mesmo modo que, a partir dos conhecimentos interacionais, a quantidade de informações é determinada, para que o leitor seja capaz de reconstruir o objetivo da Produção Textual, seja ela resumo, resenha, artigo ou qualquer outro modelo de escrita genuinamente acadêmica. Nesse âmbito, a seleção da variante linguística adequada à situação de interação, sobretudo, por meio dos verbos de ação cuja importância se dá pela clareza intrínseca a seus significados, terá suma importância para explicitar ações desempenhadas, as quais resultam na elaboração do trabalho acadêmico. Essa organização conjunta entre léxico (palavra) e ideias/conhecimentos assegura a compreensão da escrita, de modo a garantir a aceitação do leitor, que considerará os vários tipos de ações linguísticas configuradas no texto e os apoios textuais – citações e referências.

Cavalcante (2017, p. 146) refere-se a citações, referências e alusões ao reiterar que todo texto é um mosaico de outros textos. Não há nada mais usual e absolutamente necessário, em espaço acadêmico, que a utilização de outros escritos para fundamentar argumentos do presente, de maneira constitutiva. Este é o universo da intertextualidade, que é mais um dos fatores da textualidade, no qual um discurso jamais aparece numa inocente solitude, vez que ele se constrói de um já-dito em relação ao qual ele toma posição. No domínio acadêmico, a citação

exerce a função discursiva do recurso à autoridade – argumento de autoridade – pois há necessidade de recorrer à palavra especializada para sustentar o que está sendo afirmado, garantindo mais credibilidade ao que diz o enunciador. Assim, os discentes são orientados a fazer leituras prévias, antes de iniciar suas Produções Textuais, pois a atividade leitora propiciará a interação autor-texto-leitor, como afirmam Elias e Koch (2015, p. 18), ao passo que estimulará processos mentais, criticidade, comparações e avaliação das informações então apresentadas, resultando na produção de um sentido, ou seja, o leitor age estrategicamente, o que permite dirigir e autorregular o próprio processo de leitura.

## **2 NOVA PROPOSTA, NOVOS DESAFIOS**

A produção de texto nas universidades possui características bem definidas, sobretudo, porque o objetivo precípua desse tipo de produção é transmitir informações a respeito de uma realidade. Resende e Vieira (2014, p. 81) enumeram seis dessas características, com as quais produtores terão que estar sempre atentos: linguagem clara e objetiva; não deve haver intenção de mostrar um estilo muito elaborado, com figuras de linguagem e inversões sintáticas; frases curtas organizam melhor as ideias; a ordem do discurso é predominantemente direta; os períodos devem estar organizados em blocos de ideias bem distintos, de modo a obedecer uma ordem lógica; o texto deve ser impessoal, sem manifestação explícita e coloquial do autor, vez que há uma deliberada suposição de “neutralidade”. Todas essas características contribuem para acentuar o caráter informativo e científico do texto acadêmico e a suposta neutralidade com que se tenta convencer o leitor da seriedade e da confiabilidade das informações. Por isso, academicamente, atribuir créditos à fonte de onde as informações contidas no texto foram retiradas é mais que necessário. É, pois, uma questão ética. Não citar a fonte da informação acrescida ao texto é, conforme afirma Cavalcante (2017, p. 149), plágio. Tal ocorrência não é rara em ambiente acadêmico, também como efeito de um desconhecimento de formas de demarcação de autoria. Em outras palavras, muitos produtores cometem plágios, por não se dedicarem ao estudo das normas técnicas de referência. Aliado a tal despreparo, há o não hábito de leitura, o qual maximiza o desconhecimento dos elementos linguísticos; imaturidade dos esquemas cognitivos, bagagem cultural limitada e, principalmente, a incompreensão do que está sendo lido e, conseqüentemente, a fragilidade do que será escrito.

Com leitura e escrita frágeis, o produtor será incapaz de estabelecer uma relação coerente entre as ideias, “[...] sob pena de reduzir a aceitabilidade do texto.” (VAL, 1999, p. 10), já que esta concerne à expectativa do recebedor de que um conjunto de ocorrências com

que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos. Do mesmo modo, compromete-se a intencionalidade da Produção Textual, na medida em que o reduzido cabedal de conhecimentos adquirido através da leitura refletirá no empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa dada situação comunicativa.

A situacionalidade produtiva decorrente do ambiente acadêmico, na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), sugere adequação do texto às situações comunicativas. Seja pela determinação de gêneros textuais acadêmicos (resumos, resenhas, fichamentos, artigos, monografias), também pelo uso das normas técnicas – cuja utilização é fundamental para normatizar a concretude textual e, assim, facilitar a identificação, pelos leitores, de elementos e informações pertinentes ao texto – leitores e produtores devem ser capazes de dominar questões relacionadas a formas, funções e propósitos dos gêneros textuais. Nesse contexto, as Produções Textuais devem contribuir com o que está previsto no Projeto Pedagógico do curso de Engenharia Elétrica, da UFOB, localizada, no município de Bom Jesus da Lapa, estado da Bahia, zona fisiográfica do Médio São Francisco, compreendida como território do “Polígono das Secas”, onde está localizado o Centro Multidisciplinar da UFOB e, portanto, o curso de Engenharia Elétrica.

Ao definir a finalidade da educação, Furter (1983, p. 117) fará um atalho para o caminho. Esta é a premissa para que novas soluções sejam apresentadas. A finalidade não consiste em preencher metas postuladas, nem em repetir generalidades sem conteúdo, mas, sim, de se engajar numa autêntica diáspora intelectual formativa, num constante aperfeiçoamento da realidade, num esforço nunca acabado, sempre intenso. A finalidade, mais do que uma seta dirigida ao futuro, é uma frente que orienta a nossa ação e que está sempre deslocando para a perfeição. Assim se fez no Projeto Pedagógico do curso de Engenharia Elétrica da UFOB. Com a finalidade de formar o profissional de Engenharia Elétrica, com competências e habilidades técnico-científicas, éticas e humanas, a UFOB preocupou-se em criar artifícios para uma atuação crítica, criativa, reflexiva e de qualidade no âmbito regional e nacional, com vistas ao desenvolvimento tecnológico e sustentável mediante a inovação na resolução de problemáticas inerentes à relação homem-máquina-meio, em consonância ao bem-estar social e o progresso econômico.

Ciente do cenário educacional precário da região, onde seria instalado o Centro Multidisciplinar UFOB Bom Jesus da Lapa, o Projeto Pedagógico do curso de Engenharia Elétrica entende que havia uma clara necessidade de profissionais com formação técnica e superior capazes de contribuir com o desenvolvimento econômico, social e cultural da região

da Bacia do Rio São Francisco, bem como da região do oeste baiano e, conseqüentemente, de todo o território nacional, tendo como foco a sustentabilidade. Outro fator determinante para escolha dos cursos deste Centro foi o potencial regional latente para o aproveitamento de recursos geradores de energia elétrica, nuclear e solar, o que propiciaria o aproveitamento da mão de obra formada pela UFOB. A expansão das energias renováveis é uma realidade em Bom Jesus da Lapa e para todo o Brasil. O município e entorno, atualmente, convivem com a construção e instalação de parques solares de grande porte, gerando renda e fomentando a busca por formação educacional, técnica ou superior.

Nesse contexto, buscou-se associar o trabalho com Produção Textual ao universo de formação dos discentes. Priorizou-se utilizar requisitos básicos, como definem Elias e Koch (2011, p. 88), para a produção de todo e qualquer texto. Com enfoque na contextualização, os textos estavam ancorados em uma dada situação comunicativa, no interior de determinada prática social, tendo em vista o lugar e o momento da interação, os participantes e suas particularidades, os objetivos a serem alcançados. Para tanto, todos os textos utilizados durante as aulas estariam relacionados ao curso de graduação da turma. Isso porque, ao utilizar fontes textuais pertencentes ao universo de formação dos Engenheiros Eletricistas, o interesse do alunado pela aula do componente curricular relativo à Língua Portuguesa seria maximizado, conhecimentos guardados em sua memória seriam ativados e o discente teria condição de relacionar o trabalho com linguagem, ao seu curso de graduação. Uma questão que é preciso sempre ter em mente é que o produtor do texto não tem como escrever sobre coisas que absolutamente desconhece.

Resende e Vieira (2014, p. 151) reiteram os diferentes gêneros discursivos como formas de ação por meio da linguagem. Isso significa que, nas interações textuais, produzimos, ouvimos, lemos textos com formas, estilos, temas, propósitos relevantes estáveis e associados a atividades particulares da vida social. Contraditoriamente ao aspecto democrático e emancipatório proposto pela linguagem – leitura e escrita – em temas sociais e cognitivos, a restrição do acesso a mecanismos e espaços de formação do saber pode ser um entrave sociopolítico. De fato, como lembra Gnerre (1991, p. 21), em sociedades complexas como as atuais, é necessário um aparato de conhecimentos sócio-políticos relativamente amplo para poder ter um acesso qualquer à compreensão e, principalmente, à produção das mensagens de nível científico, técnico, político e social.

Embora a UFOB de Bom Jesus da Lapa tenha se instalado em território com sérios problemas educacionais, segundo contatou o próprio Projeto Pedagógico do curso de Engenharia Elétrica da instituição, nunca houve nenhuma intenção de arrefecer o nível de

cobrança para com os discentes, nem fundamentar o trabalho de Produção Textual em contexto de empobrecimento linguístico e semântico. Do contrário, as abordagens textuais estiveram calcadas em literatura científica confiável, mas sem deixar de considerar que, invariavelmente, parte do público poderia apresentar maiores dificuldades na compreensão dos textos e execução das atividades produtivas, pois escrever é uma atividade que, para Elias e Koch (2011, p. 37), exige do escritor conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico de sua língua, adquirido ao longo da vida nas inúmeras práticas comunicativas de que participamos como sujeitos eminentemente sociais, de forma sistematizada, na educação básica. Assim, subentende-se que alunos aprovados em processos seletivos para ingresso em cursos de nível superior devam trazer consigo uma bagagem linguística básica, cuja funcionalidade possibilite o desenvolvimento de habilidades relativas ao ambiente acadêmico, sobretudo, no que diz respeito às diversas linguagens.

### **3 NOVOS PARADIGMAS EM FAVOR DA INTERDISCIPLINARIDADE**

As concepções dos processos de ensino e aprendizagem relativos ao curso de graduação em Engenharia Elétrica da UFOB preveem a garantia da formação de profissionais engenheiros eletricitas, capacitados a atender às diferentes solicitações profissionais pertinentes, com domínio dos fundamentos técnico-científicos e humanísticos e visão crítica, criativa e ética. Furter (1983, p. 166) esclarece que o humanismo não depende, portanto, das humanidades, mas, numa educação em contexto de contradições e desigualdades, ele figura como ferramenta de criação da humanidade. O humanismo consiste em impor certa qualidade e uma grande densidade às relações humanas, não só porque a tarefa que o homem assume necessita do apoio do outro, mas, sobretudo, porque o humanismo é uma busca real de fraternidade, de liberdade e de igualdade, de uma maneira absoluta e global. Em outras palavras e situando o campo educacional na sociedade global, para evitar qualquer ilusão, mas também estudando o funcionamento interno da escola, percebe-se que, nas relações humanas, o tipo de comunicações estabelecido na educação influirá, imediatamente, sobre o seu humanismo.

A concepção humanística das ciências sociais, defendida por Santos (2008, p. 72), ocupa a função de agente catalisador da progressiva fusão das ciências naturais e ciências sociais, na medida em que coloca a pessoa no centro do conhecimento, mas, ao contrário das humanidades tradicionais, coloca o que hoje designamos por natureza no centro dos indivíduos. Emerge, assim, a necessidade de descobrir categorias de inteligibilidade globais, conceitos quentes que derretam as fronteiras em que a ciência moderna dividiu e encerrou a realidade. A ciência pós-

moderna é uma ciência assumidamente analógica. Seguindo tais concepções de Boaventura de Sousa Santos (2008), cuja relação ou analogia entre as ciências é defendida como categoria de inteligibilidade universal, o trabalho com Produções Textuais desenvolvido na UFOB, entre os anos de 2017 e 2019, procurou associar concepções oriundas das teorias e dos estudos linguísticos a artigos científicos, reportagens, documentários, notícias, pesquisas, relatos de experiência e outras fontes discursivas, cuja temática central fosse o trabalho de Engenheiro Eletricista subsidiado pelas ciências exatas. Desse modo, conforme defendem Elias e Koch (2015, p. 27), circunstâncias facilitadoras da boa compreensão textual foram criadas na ocasião, uma vez que os discentes estavam imersos – pelo conjunto de componentes curriculares do seu curso de graduação – no universo de conhecimentos necessários à boa formação profissional.

Assim, o trabalho de Produção Textual partiu, essencialmente, do trabalho de leitura e compreensão de textos lidos, nos quais os elementos da textualidade e fatores linguísticos que poderiam dificultar a compreensão eram destacados, tais como: estruturas sintáticas complexas caracterizadas pela abundância de elementos subordinados; o léxico; orações supersimplificadas, marcadas pela ausência de nexos para identificar relações de causa/efeito, especiais, temporais; ausência de sinais de pontuação ou inadequação no uso desses sinais. No entanto, Cavalcante (2017, p. 30) destaca que o texto não pode ser concebido somente do ponto de vista do sistema linguístico, isto é, privilegiando aspectos semânticos e sintáticos, em detrimento dos aspectos pragmáticos, das mais diversas situações de uso. Do mesmo modo que não se pode pensar o texto como um objeto material, ou como uma superfície linear na qual os sentidos se acham organizados. Para tomá-lo como unidade de análise, é preciso, necessariamente, considerar mais do que a sua tessitura, pois um conjunto de contextos e de conhecimentos (linguísticos, cognitivos, interacionais) está envolvido no processo da (re)construção dos sentidos que se empreende durante a compreensão e a produção de um texto.

É preciso lembrar que os procedimentos de leitura podem variar de indivíduo para indivíduo e de objetivo para objetivo. Como o componente curricular Oficina de Leitura e Produção Textual é ofertado no primeiro semestre do curso de Engenharia Elétrica da UFOB, a utilização de textos relacionados ao curso, em suas aulas, possibilitou, dentre outros benefícios, situar o corpo discente no universo acadêmico relativo ao seu curso e abrir um leque técnico de informações que seriam aproveitadas durante sua graduação por outros componentes curriculares e, também, na construção do capital intelectual dos futuros engenheiros. Já é do nosso conhecimento, conforme relatam Elias e Koch (2015, p. 24), que a compreensão textual varia segundo as circunstâncias de leitura e depende de vários fatores, complexos e inter-relacionados entre si. Embora defendamos a correlação de fatores implicados na compreensão

da leitura, é importante entender que fatores relativos ao autor/leitor podem interferir nesse processo, de modo a dificultá-lo ou facilitá-lo.

Se a prática leitora pode ser guiada ora por prazer, ora pela busca por informações, em ambiente acadêmico, a prática da leitura se dá, prioritariamente, como lembram Rezende e Vieira (2014, p. 71), pela necessidade de estudar e adquirir conhecimentos, de modo que seja possível sistematizá-los. Cada tipo de leitura exige um repertório diferente de estratégias e procedimentos, portanto, as diferenças no nível de monitoramento e controle estão diretamente relacionadas aos objetivos dos leitores. Nesse sentido, Elisa e Kch (2015, p. 27) acrescentam que se, do lado do autor, foi necessário mobilizar um conjunto de conhecimentos para a produção do texto, esperam-se, da parte do leitor, certos conhecimentos relativos à língua, gênero textual e de mundo, a fim de que o processo de leitura e construção de sentido sejam efetivados. Desse modo, o texto, pela forma como é produzido, pode exigir mais ou menos conhecimento prévio de seus leitores. Assim, os textos carregam identidade de pertença, ao passo que não se destinam a todos e a quaisquer leitores, mas pressupõe um determinado tipo de leitor.

Nessa toada, subjazem da produção escrita pressupostos essenciais e intrínsecos a sua prática. O primeiro, segundo Elias e Koch (2011, p. 58), diz que toda Produção Textual está embasada em “modelos”construídos socialmente, razão pela qual, de um modo geral, ocasiona certa facilidade produtora, já que se trata de gêneros definidos previamente, comuns na prática cotidiana acadêmica, a exemplo de resumos, resenhas, fichamentos, artigos e monografias; segundo, trata dos modelos textuais como abstrações de situações de que participamos e do modo como a linguagem é concebida por seus usuários, o que significa inter-relação entre aspectos cognitivos, sociais e interacionais; o terceiro e último pressuposto concebe uma construção e reconstrução dos modelos ao longo de nossa existência, em decorrência das inúmeras práticas sociais de que participamos. Assim, a Produção Textual solicita a ativação de modelo(s) para a organização do texto, seleção de ideias e modo de constituição do dizer, posicionamento enfatizado quando se concebe a relação linguagem, mundo e práticas sociais.

Para que todas as leituras realizadas nas aulas de Oficina de Leitura e Produção Textual da UFOB, no curso de Engenharia Elétrica, fossem satisfatórias, seguimos as orientações de Resende e Vieira (2014, p 72) quanto ao monitoramento da atenção, de modo que alguns recursos tornassem a leitura mais produtiva. Assim, iniciávamos a prática leitora identificando o gênero textual proposto na aula; na sequência, um debate prévio sobre a temática central do texto com o objetivo de ativar conhecimentos prévios; reconhecimento e destaque das palavras-chave; identificação de fragmentos significativos; estabelecimento de relações entre o texto e a

sociedade; reflexão sobre a necessidade de uso de dicionário; construção de notas sintéticas acerca do conteúdo textual; e, por fim, elaboração de paráfrases mentais as quais seriam passadas para o caderno, em formato de fichamento.

Elias e Koch (2011, p. 58) destacam que a prática escrita não é totalmente “livre”, vez que o contexto e as normas técnicas, sobretudo, em ambiente acadêmico, determinam modelos para apresentação das produções. Há de ser dito que não somente normas técnicas promovem o enquadramento de modelos, mas, também, instituições de pesquisa, periódicos, colegiados e editais ligados às instituições de ensino superior. Como qualquer outro produto social, os gêneros textuais não são formas fixas, mas estão sujeitos a mudanças, decorrentes das transformações sociais, de novos procedimentos de organização e acabamento da arquitetura verbal, bem como de modificação conforme o lugar atribuído ao ouvinte. Nas aulas de Oficina de Leitura e Produção Textual da UFOB, buscou-se variar os gêneros textuais, desde que estes estivessem com o conteúdo relacionado à Engenharia Elétrica e suas temáticas transversais. Por isso, artigos, reportagens, projetos de pesquisa, trabalho de conclusão de curso foram usados nas aulas e, a partir deles, o trabalho de linguística textual foi desenvolvido.

Seguindo a descrição dos métodos utilizados nas aulas de Oficina de Leitura e Produção Textual da UFOB, a partir das orientações de Resende e Vieira (2014, p. 72), a leitura deveria ser guiada por procedimentos de controle, de modo a criar uma sistematização eficaz, em contexto de estudo e pesquisa. Para tanto, os discentes foram orientados a estabelecer objetivos antes de iniciar a leitura do texto; monitorar a reflexividade durante a leitura; controlar a velocidade de leitura de acordo com o objetivo do texto, detectar problemas de compreensão, formular questões acerca do texto e seu conteúdo; sublinhar palavras-chave as quais carregam maior carga semântica; destacar divisões no texto para agrupá-las posteriormente; elaborar paráfrases mentais e, posteriormente, transcrevê-las em papel, a fim de solidificar o conteúdo apreendido do texto.

Conforme lembram Elias e Koch (2015, p. 40), no exercício da leitura e produção de sentido, colocam-se em ação várias estratégias sociocognitivas. Tais estratégias, por meio das quais se realiza o processamento textual, mobilizam vários tipos de conhecimento armazenados na memória. Os métodos descritos anteriormente, orientados por Resende e Vieira (2014), criam estratégias para sistematização da leitura e, por conseguinte, promovem certo condicionamento do leitor, cuja eficácia da implementação dessas técnicas será percebida na prática leitora cotidiana. Tal processamento textual estratégico possibilita que leitores, diante de um texto, realizem simultaneamente vários passos interpretativos finalisticamente orientados, efetivos, eficientes, flexíveis e extremamente rápidos. Fazer uma leitura eficiente e

compreender, através de modelos, como um texto deve ser organizado refletirá, indubitavelmente, na concretude das Produções Textuais.

Quanto ao propósito comunicativo, Cavalcante (2017, p. 44-45) lembra que, para cada um dos diversos objetivos de comunicação, o indivíduo possui algumas alternativas de comunicação, com um padrão textual e discursivo socialmente reconhecido – na academia ou fora dela – cuja denominação de gênero do discurso deverá se adequar ao propósito em questão. Isso nos leva a crer que os gêneros discursivos se diversificam de acordo com a situação imediata de comunicação, os elementos socioculturais historicamente constituídos, bem como as necessidades específicas solicitadas por certas condições associadas à modalidade (oral ou escrita), ao grau de formalidade, à possibilidade de participação simultânea dos interlocutores, entre outros aspectos.

Desse modo, conforme afirmam Elias e Koch (2011, p. 62), se os gêneros textuais figuram como arena, onde há articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, não haveria razões para isolar o trabalho da lingüística textual proposto pelo componente curricular Oficina de Leitura e Produção Textual dos demais componentes curriculares do curso de Engenharia Elétrica, da Universidade Federal do Oeste da Bahia, sobretudo, pelo fato de que, assumidamente, o Projeto Pedagógico desse curso de graduação parte de uma concepção interdisciplinar e reitera “Assume-se a interdisciplinaridade como atitude e método.” (UFOB, 2014, p. 56). A inclusão de questões demandadas da sociedade permitiu que o currículo desse curso de graduação estivesse voltado ao desenvolvimento tecnológico, científico, econômico e social e dos processos do conhecimento e da formação crítica e cidadã de profissionais na área de Engenharia Elétrica. Assim, sua proposta curricular assumiu um viés flexível como forma de inibir o engessamento e a conformação de conteúdos e práticas pedagógicas inflexíveis e fechadas, fundamentadas na articulação de conhecimentos básicos e técnicos.

O diálogo epistemológico entre as diversas áreas científicas e, também, entre o senso comum vem sendo apresentado pelos estudiosos como algo necessário e atual. De tal modo que Santos (2008, p. 61) acredita na inutilidade da distinção dicotômica entre ciências naturais e sociais e na falta de sentido que esta separação proporciona às pesquisas e à construção do conhecimento. Para esse autor, essa distinção numa concepção mecanicista da matéria e da natureza a que contrapõe, com pressuposta evidência, os conceitos de ser humano, cultura e sociedade. Hoje, é possível ir muito além da mecânica quântica. Enquanto esta introduziu a consciência no ato do conhecimento, faz-se necessário introduzi-la no próprio objeto do conhecimento, sabendo que a consequência disto será a transformação radical da distinção entre sujeito e objeto. Portanto, o conhecimento do paradigma emergente tende a ser um

conhecimento não dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias que até há pouco eram considerados insubstituíveis e inquestionáveis, tais como natural/artificial, vivo/inanimado, subjetivo/objetivo.

Assim, o Projeto Pedagógico do curso de graduação em Engenharia Elétrica da UFOB favorece, ideologicamente, o trabalho que foi desenvolvido no componente curricular Oficina de Leitura e Produção Textual, o qual previa em sua ementa um trabalho voltado para concepções de linguagens; língua, leitura e escrita; texto e discurso; processos de leitura e de escrita como práticas sociais; interpretação, análises e produção de textos de gêneros diversos. Com essa direção inicial, objetivávamos alcançar resultados relacionados aos subsídios necessários à produção de textos acadêmicos, sobretudo, no contexto da pesquisa, de forma a atender às demandas de leitura e redação acadêmica, mas, também, contribuir satisfatoriamente com a formação humana e profissional dos estudantes do curso.

## **5 CONCLUSÕES**

O sentido global da revolução científica contemporânea é também sugerido pela concepção em curso das condições epistemológicas e metodológicas do conhecimento científico social. Assim, o avanço do conhecimento das ciências naturais e a reflexão epistemológica que tem suscitado mostram que os obstáculos ao conhecimento científico da sociedade e da cultura são, de fato, condições do conhecimento geral, tanto científico-social, como científico-natural. Essa perspectiva também abrange as ciências exatas, evidentemente.

Assim, as diversas práticas de linguagem podem ser relacionadas, no ensino, por meio dos gêneros – vistos como formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem. Os gêneros ligados a cada uma dessas práticas são um termo de referência intermediário para a aprendizagem, uma “megaferramenta” que fornece um suporte para a atividade nas situações de comunicação e constitui uma referência para os aprendizes.

Os gêneros textuais podem ser considerados ferramentas, na medida em que os sujeitos – os enunciadores – agem discursivamente numa situação definida – ação – por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento semiótico – o gênero. A escolha do gênero se dá sempre em função dos parâmetros de situação que guiam a ação e estabelecem a relação meio-fim.

## **REFERÊNCIAS**

BASTOS, Lúcia Kopschitz. **Coesão e coerência em narrativas escolares**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2017.

ELIAS, Vanda Maria; KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2015.

ELIAS, Vanda Maria; KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2011.

FURTER, Pierre. **Educação e vida**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1983.

RESENDE, Viviane de Melo; VIEIRA, Viviane. **Leitura e Produção de texto na universidade: roteiros de aula**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA. **Projeto Pedagógico do curso de graduação em Engenharia Elétrica**. Centro Multidisciplinar de Bom Jesus da Lapa, 2014. 302f.

VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.